**A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO CONTEXTO ESCOLAR**

Expedito Medeiros da Silva Filho¹ Francisca vera Lúcia² Rosângela Maria Alves Silva³ Luisa Ione de Morais⁴

**RESUMO**

Este artigo apresenta aspectos relevantes, em relação à participação das famílias na escola, como solução para alguns problemas vivenciados em sala de aula, principalmente a indisciplina, e baixo rendimento por parte dos educandos nas atividades escolares. A participação da família no contexto escolar, é garantida na Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394/96, em seu artigo 2º, quando e declara que a educação é dever da família. Apontar um perfil não generalizado entre os discentes vindos das famílias que colaboram na educação dos filhos, comparadas às que não colaboram. Mostra o valor familiar na formação social e cidadã, a partir do conjunto formado por uma parceria da família e a escola. Enfoca que desde o início da escolarização no Brasil. Já foi pensada para uma abertura das entidades escolares em parceria com a família, partindo da ideia que a educação dá-se também fora da escola. Traz a discussão da inversão dos papéis, quando cabe a família a responsabilidade de educar. Na sociedade atual, no sentido do dever de educar, a instituição escola apresenta-se com dupla função: de educar e escolarizar.

**Palavras-chave:** Família, Educação, Escola.

\*Trabalho desenvolvido mediante orientação da disciplina Seminário Temático, ministrada pela profa. Dra. Maria Lúcia Pessoa Sampaio, no curso de Pedagogia (PARFOR)

¹Licenciado em História pelo PARFOR, acadêmico de Pedagogia, 5º período, PARFOR; docente no fundamental menor, e coordenador do fundamental maior.

²Licenciada em História pelo PARFOR, acadêmico de Pedagogia, 5º período, PARFOR; docente na Educação infantil, anos iniciais do fundamental menor, multiano.

³Licenciada em História pelo PARFOR, acadêmico de Pedagogia, 5º período, PARFOR; docente no fundamental Maior.

⁴Graduada em Pedagogia/ Administração Escolar pela UERN, Especialista em Educação/Gestão de Ensino Pela UERN e Mestranda Em Ensino UERN. [ionenemara@hotmail.com](mailto:ionenemara@hotmail.com)

THE IMPORTANCE OF THE FAMILY IN THE SCHOOL CONTEXT

ABSTRACT  
  
This article aspects relevant, regarding the participation of the families in the school, as a solution to some problems lived in the classroom, mainly the indiscipline, and low income on the part of the students in the school activities. The participation of the family in the school context is guaranteed in the Guidelines and Bases nº 9.394 / 96, in its article 2 when and declares that education is the family's duty. To point out a non-generalized profile among the students coming from the families that collaborate in the education of the children, In relation to those who do not collaborate. It shows the family value in the social and citizen formation from the set formed by a partnership of the family and the school. Focuses that since the beginning of schooling in Brazil. It has already been planned for an opening of the school entities in partnership with the family, starting from the idea that education also happens outside the school. It brings the discussion of role reversal, when it is the responsibility of the family to educate. In today's society, in the sense of the duty to educate, the school institution presents itself with a dual function: to educate and to school.

Keywords: Family, Education, School.

**1 INTRODUÇAO**

O presente artigo tem como finalidade abordar a importância da participação da família no contexto escolar, considerando o envolvimento desde o momento em que decide matricular os filhos na instituição escola, que seja na rede estadual, municipal ou particular. Com a finalidade de conseguir, através da escola, ascensão social, conhecimento e valores defendidos em meio a sociedade, as famílias vislumbram na escola possibilidades de um futuro melhor. Acreditando no papel transformador da escola, a família se torna peça fundamental, por ser a pioneira no incentivo, participação e permanência da criança e do adolescente em sala de aula.

Como sempre no Brasil, principalmente na região nordeste, a desigualdade nunca deixou de marcar presença no seio da sociedade, e porque não dizer no seio das famílias, vai de encontro às escolas e repercute no ensino e aprendizagem. Mesmo havendo certo interesse das famílias na escolarização dos filhos, a escola ao exercer o seu papel, em linhas gerais pensados para um público modelo, pode não se adequar aos anseios desejados pelas famílias, que almejam um ensino significativo.

Desde o princípio da escolarização no Brasil, no período jesuítico. Segundo FONSECA (2002, p.1) “A vinda dos jesuítas, em 1549, proporcionava assim a expansão da Fé e do Império, reunindo mercadores e evangelizadores sob a mesma empresa”. Predominava a pedagogia voltada para a catequese principalmente dos indígenas, logo se estendeu aos filhos dos pobres, colonos e operários, já havia o desejo das famílias que os filhos frequentassem a escola. Mesmo em um modelo de escola de classes, os estudantes filhos da elite tinha um ensino diferenciado, pagavam as disciplinas que lhes preparavam para uma vida acadêmica, e os demais bastava ler escrever e ter o conhecimento do catecismo; mesmo assim as famílias viam na escola, a única oportunidade que os filhos tinham, de acesso à cultura letrada.

Surgia em meio a sociedade juvenil, no período republicano, até a década de setenta o desejo de estudar, mas por outro lado as dificuldades de chegar as escolas eram bem maiores, contando com a necessidade de trabalhar para ajudar na renda familiar, que sempre morava nas fazendas, em uma região praticamente agrícola, muitos até se deslocavam a certas distancias para estudar, e voltar para trabalhar; outros se deslocavam para cidade, passando a morar em casa de familiares e amigos, que por sua vez tinha que estudar e trabalhar para ajudar nas despesas das casas onde estavam morando.

Visto que a escolarização se tornava de difícil acesso, principalmente aos jovens vindos de famílias pobres, que incentivavam os filhos a buscarem um ensino além de ler e escrever, e muitos não tinham acesso nem mesmo a esse estudo. O esforço por parte da família era muito grande, no sentido de incentivar a sair de casa e ir buscar o estudo mais qualificado na cidade, passando a residir com parentes ou pessoas amigas.

Com a criação de leis que dão sustentação a educação do Brasil, podemos analisar a Constituição Federal de 1934, citava a educação como dever do estado, até o ensino médio, previa a criação da primeira LDB, nº 4.024/61, que foi regulamentada em 1961, a LDB nº 5.692/71, de caráter dualista, implementada em pleno contexto ditatorial, até à constituição de 1988, que também apontava a educação como dever do estado. Com aprovação da ECA, Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei nº 8.069 de julho de 1990; é traçado um perfil legal, responsabilizando a família, pela escolaridade da criança, apartir de então, começa a ser mais efetiva a presença das famílias nas escolas, pois o que antes era ligado diretamente à vontade e esforço de cada família passam a ser exigência do estado.

De forma mais abrangente surge a Lei das Diretrizes e Bases, a LDB, 9.394/96, que vai de encontro a responsabilidade da família pela educação dos filhos. Na redação do Art. 2º lê-se:

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1996**)**

Percebe-se que de acordo com a referida Lei a família é responsável, por colocar e acompanhar o desenvolvimento estudantil, bem como ao falar de cidadania, e referir-se aos conceitos do cotidiano, que abrange o comportamento e interação do meio social; colocando sob responsabilidade da família o dever de educar de forma ampla.

Em meio à escola torna-se perceptível o desenvolvimento da aprendizagem entre os alunos que as famílias participam da vida escolar em relação as famílias que não participam. Por um lado as leis afirmam a responsabilidade no que diz respeito a educação dos filhos, logo em si mesmo as famílias se distanciam dessa responsabilidade, deixando tudo por conta da própria escola.

Estudos comprovam que os alunos, oriundos de famílias que sempre estão presentes nas vivências escolares, mesmo que venham ter dificuldades em alguma disciplina, ou até mesmo repetir o ano, mas não acontecerá com tanta frequência quanto aos alunos, cujos pais não participam da escola.

**2 A FAMILIA (A DIFICIL ARTE DE EDUCAR)**

As famílias se preocupam em dar uma boa educação aos seus filhos, visto que na sociedade em que atuamos as dificuldades são bastante acentuadas, especialmente, nas famílias de baixa renda, devido ao atual contexto histórico e social. Diferentemente de anos atrás, as famílias tinham um maior número de filhos, havia uma hierarquia a ser respeitada, porém, o pai cuidava da educação de seus filhos e a mãe das demais tarefas. Percebe-se também que as famílias apresentam um índice de desestruturação, onde surgem grandes problemas, tanto no convívio familiar, como também no contexto escolar. Porém, para educar os filhos hoje, se faz necessário ter tempo para eles, saber lidar com dificuldades existentes no nosso cotidiano, ser atencioso perante as prioridades existentes. Observa-se que, as famílias têm de certa forma se transformado, apresentando mudanças no caráter das pessoas. Embora isso nos custe muito, pois hoje em nossa sociedade esses valores não se destacam tanto como víamos antes. Contudo, o que acontece, o nível de violência se destaca, e o respeito fica controverso. É preciso sim, corrigir os filhos, mas, temos que ter certo cuidado, pois, precisa-se ser de forma adequada com jeito, com carinho, palavras corretas, para que, nesse convívio, ocorra interação tanto familiar como também na escola. Já que é lá que se mantêm princípios, que podem estar acima de tudo. Construindo nosso futuro, nossos valores sabendo que a missão enquanto escola e família são árduas e muito complexas, mas, que devem resgatar valores éticos, morais, de respeito, responsabilidade etc.

A família não é o único canal pelo qual se pode tratar a questão da socialização, mas é, sem dúvida, um âmbito privilegiado, uma vez que este tende a ser o primeiro grupo responsável pela tarefa socializadora. A família constitui uma das mediações entre o homem e a sociedade. Sob este prisma, a família não só interioriza aspectos ideológicos dominantes na sociedade, como projeta, ainda, em outros grupos os modelos de relação criados e recriados dentro do próprio grupo. (CARVALHO, 2006).

Percebe-se que, diante do que o autor afirma acima, é que a formação da família se dar por meios da socialização de ambos, família e sociedade, uma vez, onde os valores éticos, podem com certeza, ser construtores para essa formação, favorecendo uma relação de confiança e respeito para com os envolvidos.

**3 FAMILIA E ESCOLA, JUNTAS PELA EDUCAÇÃO.**

Valorizar a educação é fazer parte da vida e da transformação do seu filho, pois a família e a escola devem estar em parceria para que, juntas consigam desenvolver habilidades importantes e que possam construir um bom aprendizado. Através da parceria, família e a escola procura desenvolver um papel em comunhão, desde que as mesmas estejam aptas a se comprometerem de fato, com as ocorrências que poderão surgir dentro do âmbito escolar. A família e a escola, portanto, devem caminhar juntas, pois assim terão um bom desempenho, quanto à missão de educar. Uma interação onde a aproximação se fará necessário, uma vez que, o envolvimento não deverá sair desse contexto, que podem trazer resultados relevantes e afetividade, para essa aproximação percebendo que a falta de um trabalho em conjunto dificulta muito ao um bom resultado.

Ouvir os pais é muito significante, pois, devemos acreditar nesses princípios que os norteiam a sociedade, no entanto, com diferentes papeis, mas, que deverão está comprometido plenamente com esse desenvolvimento e funções formativas, que tanto a escola quanto a família, poderão caminhar em busca de melhores formas e fazeres da prática educativa. Surgirão critérios com certeza que garanta ao aluno a confiança, propiciando segurança no caminho para o sucesso em relação aos objetivos que desejam atingir.

Contudo, é importante que as crianças e jovens entendam a educação como um valor importante para o seu desenvolvimento e sua vida pessoal, procurando mais aprendizagens que venham contribuir e fornecer aos desafios voltados para essa relação, família e escola.

A escola precisa tornar-se sensível as histórias familiares de seus alunos, para de forma responsável, juntamente com os pais, buscar a resolução para as dificuldades cotidianas e, assim, propiciar a criança a conquista de sua autoconfiança, que lhe oportunizará, o sucesso social no futuro. (FREDDO, 2004, p.171)

Cabe ressaltar, que o diálogo entre família e escola, fará a diferença uma vez, se os pais estiverem de fato disponíveis e atuantes na vida escolar de seus filhos, as mudanças passam a ocorrer, e que os resultados serão satisfatórios. Para que isso aconteça, ambos devem compartilhar dos os mesmos ideais, almejar os mesmos sonhos,que venha suprir as necessidades, num mesmo objetivo, rumo a uma educação de qualidade, que viabilize a transformação social.

**4 PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA ESCOLA**

Não são poucos os estudiosos e pensadores da educação que discutem sobre a importância da família na escolarização dos filhos, logo a educação dá-se fora do contexto escolar, pois, a criança ao chegar à escola já tem uma vivencia de mundo, tem mantido contato e experiências com diversas pessoas do seu convívio social cultural e familiar.Conforme escreveu Vygotsky (1984) “O ser humano se caracteriza por uma sociabilidade primária”. Isso significa dizer que a criança aprende a partir dos ensinamentos, vindo da própria família e do meio de convívio.

Significa dizer que os princípios da educação estão atrelados diretamente ao meio de convívio, acompanhado de diversos fatores externos e internos, que são as próprias influencias, do próprio ambiente, como a forma organizacional da família acompanhada dos fatores psicológicos preponderante de cada indivíduo.

O princípio da importância da família na escola, na sociedade brasileira, vem desde a transição do império para a república, de um modo praticamente obrigatório, o governo estabelecia regras aos alunos, e responsabilidades às famílias para que garantissem a ordem.

Aos meninos pobres, o governo fornecia vestuário e material, obrigando os pais a garantirem instrução elementar aos seus filhos. [...] com o regulamento de 1854, os meninos pobres só poderiam dar continuidade aos estudos no caso de demonstrarem acentuada distinção e “capacidade” para tal. (SCHUELER, 1999)

O governo abria as escolas de um modo racionando, para os alunos das famílias pobres. Nem todos tinham acesso à participação, porém aos que queriam estudar recebiam um pequeno incentivo vindo do governo. Que em troca, também cobrava dos pais a chamada instrução elementar. Era responsabilidade da família, enviar o aluno a escola e ensinar o respeito aos professores, chamados mestres. Nesse contexto, nem todos tinham condições de continuar estudando, pois, para eles, o ensino primário já era suficiente, haja vista que seria como uma inclusão, o ideal a todas as famílias pobres, logo, o correto era ser inserido no trabalho.

Do mesmo modo a instrução elementar, também era cobrada das famílias ricas, com dotes de mais alguns privilégios vindos do governo.

A família tem o dever de manter a instrução elementar aos seus filhos, [...], matricular no ensino primário, secundário e superior, para as atividades intelectuais e políticas, [...] diferenciando as crianças pobres daquelas pertencentes à “boa sociedade”. (SCHUELER, 1999, p.3)

A partir das citações a cima entendemos que a participação da família de forma direta no contexto escolar, dava-se por exigência do próprio sistema educacional, embora que os ricos desfrutassem de maiores privilégios não estavam isentos de instruir os filhos para participar do modo de ensino. Os quais dentre as exigências da ordem, era necessário acompanhar os exercícios de casa, e ensinar as rezas de cunho puramente católico. Observa-se que a presença da família no contexto escolar era bem presente, tanto para acompanhar o ensino dos filhos, como para mantê-los na escola.

Não se pode falar de escola, como um fator separando famílias e indivíduos os quais se insere por participantes ao longo da trajetória na educação. Partilhando os próprios princípios e conceitos, aprendidos por experiências vivenciadas no ambiente não escolar, parte do pressuposto que a aprendizagem se dá de forma participativa, que abre o espaço para duas formas no contexto escolar: primeiro participação do aluno, como capaz de transformar e se transformar a partir da escolarização; segundo da participação da família no contexto escolar, no sentido de acompanhar e ajudar no desenvolvimento das atividades escolares.

Em contrapartida a Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 anos traça um perfil que vai mais além da participação da família no contexto escolar.

A garantia do Ensino Fundamental de qualidade para todos está intimamente relacionada ao caráter inclusivo da escola e à redução da pobreza, ao mesmo tempo em que tem um papel importante nesse processo. As políticas educacionais só surtirão efeito se articuladas a outras políticas públicas no campo da saúde, habitação, emprego, dentre outros, porque essas políticas dependem umas das outras, pelo estreito relacionamento que mantêm entre si. (BRASIL, 2013, p. 107)

Percebe-se que vai muito além do envolvimento da família, uma escola de qualidade, no sentido de tornar-se acessível a todos. Elenca uma transformação radical, considerando desde a forma de moradia, situação social, que pleiteia as políticas públicas nacionais da educação, para surtir efeitos significativos. se articulada com as demais políticas públicas como: saúde, lazer, habitação, transporte escolar, a qual se insere no que chamamos de contexto escolar, que vai além da participação das famílias. É um conjunto de ações que norteiam a sociedade, no envolvimento como um todo. As vezes a participação das famílias se dá por força da lei, ou pelo interesse da formação pessoal quando é motivado a matricular os filhos na escola.

Considerando a interligação entre as políticas públicas, não é suficiente para resolver os problemas que estão inseridos no meio escolar, por estar envolvido neste contexto uma sociedade plural, com o fator principal a família, que já parte com o pontapé inicial a realização da matrícula, que seja numa escola: estadual, municipal ou federal, momento esse que as famílias são favoráveis, porém ineficazes em relação ao acompanhamento das vivências escolares.

Não é uma regra geral das escolas, mas há uma diferença significativa, em relação ao rendimento escolar dos alunos que os pais estão acompanhando o processo de ensino e aprendizagem e participam ativamente das reuniões e atividades realizadas na escola. Em relação aos pais se tronam ausentes do convívio escolar, deixando por conta do próprio aluno as responsabilidades com o ensino aprendizagem.

Essa diferença é notável de um modo geral em todos os anos do ensino fundamental, pois, sempre estão presentes nas turmas aqueles que têm o menor rendimento escolar, quase sempre as famílias não participam do acompanhamento da vida estudantil, muitos nem mesmo o caderno trazem para a escola, outros tornam-se indisciplinados, sem respeitar os colegas e os professores; quando os professores buscam ajuda da família, sempre são aquelas que não vem receber as atividades escolares no final do bimestre.

Já os alunos que as famílias estão presentes no cotidiano escolar sempre buscando os professores e são participativos nas reuniões de pais e mestres, até pode sair não tão bem nas avaliações, mas, são bem mais cuidadosos com os trabalhos e realizações das tarefas estudantis.

**5 A FAMILIA E ESCOLARIZAÇÃO**

Durante muito tempo, as famílias não fugiam do seu o papel fundamental que é o dever de educar os filhos, poderia ser encontrado crianças e jovens que não tivessem o conhecimento gráfico, pronunciasse palavras erradas, mas, era educados de modos respeitoso a própria família, e as demais pessoas da sociedade, por conseguinte, ficava por conta da escola somente o papel de escolarizar, atualmente a maioria das famílias transferem o papel de educar diretamente para a escola, atribuído mais uma tarefa árdua, que não é o dever da escola mas não poder fugir de prestar mais um serviço à clientela discente.

Haja visto que nem todas as famílias tem esse perfil, mas a maioria nos dias atuais, tem se eximido do educar, e passado essa tarefa adiante que repercute diretamente dentro das salas de aulas é intrínseco saber que educar requer bem mais atitudes de valores que venham diretamente das famílias, e para esse fim é necessário que a família demonstre forte e eficaz, pondere diante dos filhos. Não sabemos se por amor ou medo de ensinar as regras da boa convivência, deixam os filhos serem os donos do próprio destino, decidir tudo, os pais ficando para um segundo plano. Logo por conseguinte, passam para escola um papel que não é dela, mas não pode abandonar de equilibrar em partes o educar dos discente que dela fazem parte.

De acordo com a LDB, 9.394/96 que rege a educação brasileira, a educação é primeiro lugar dever da família.

**Art. 2º.**A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL,1996)

Temos garantido por lei, que: “A educação é dever da família”, e em segunda instância do Estado, logo percebe-se que a escola entra com o papel fundamental de escolarizar, não resta dúvida que os requisito defendidos em lei estão responsabilizando diretamente à família pelo pleno desenvolvimento educacional e profissional dos filhos, as famílias tem se inspirado só nos princípios de liberdade de forma descontextualizada, por isso deixam a criança ter o domínio total, o poder de escolha que vai desde os programas de televisão, ao local de sentar em um restaurante e os pais ficam em segundo plano.

Em um clima de inversão dos papeis em relação ao educar e a escolarização, no contexto das relações família e escola, Mario Sergio Cortella, traz sua contribuição:

Não é a família que ajuda na educação dos teus filhos, é o contrário, é a escola que ajuda a tua família na educação dos teus filhos fazendo escolarização. – Você tem uma, duas crianças e os tem durante 24 horas por dia - espero, até o fim da tua vida; nós as temos 30, 40 numa sala de aula durante 4 horas. Se você supõe que contendo só duas, você tem dificuldade em fazer, imagine se nós com um conjunto de crianças conseguiríamos substituir o que é tarefa da família. (CORTELLA, 2014)

É claro que de acordo com Cortella, a família tem invertido os valores, logo ele faz alusão ao papel fundamental da família do desenvolvimento da escolarização dos filhos, que escola ajuda na educação dos filhos, por meio da escolarização. Parte dos princípios das dificuldades encontra pela família para educar entre um ou dois filhos no período de vinte e quatro horas, como a escola dar conta de escolarizar e educar vários no período de apenas quatro horas por dia.

Torna-se praticamente impossível, mesmo partindo dos princípios desafiadores da instituição escola, ensinar aquilo que os pais não atribuíram aos filhos como os princípios de valores éticos morais e socias.

Bem sabemos que nem todas as famílias se encontram nesse perfil, em meio a muitos problemas relacionados a indisciplina dos alunos, causado pela ausência da família na educação dos filhos, percebe-se claramente a diferença tanto no rendimento escolar como no relacionamento afetivo entre os colegas e professores, vindo dos alunos que a família participa ativamente do convívio escolar.

Quanto os alunos que vem das famílias que traçam um perfil educacional como identidade, considerando os valores e conceitos os quais são uteis para a vivência, tanto no grupo familiar como na sociedade em geral, percebe-se que desempenha um bom desenvolvimento, logo são acompanhados como um todo pela família na vivencia escolar e social. Isso implica que os mesmos devem uma justificativa dos seus atos aos pais, logo, esse contato da família na educação repercute na colaboração para uma escolarização eficaz.

Por tanto quando há uma participação da família de forma ativa na vida estudantil, a escolarização se trona mais fácil, isso porque os discentes partem do princípio de que a escola é parte fundamental e essencial na sua vida, moral, ética e social, chega com objetivo a ser alcançado, facilitando as intervenções pedagógicas, isso difere da do desenvolvimento em relação dos que não tem um objetivo, não recebem uma instrução familiar esperando que a escola consiga fazer o papel da família no educar e o próprio dever de escolarizar.

Percebe-se que desde o princípio da escolarização no Brasil era cobrado por parte do governo a participação familiar, e isso não mudou, as leis que dão sustentabilidade aos padrões educacionais, responsabilizam diretamente as famílias na educação dos filhos, e logo o papel da escola com o papel de escolarizar. Percebemos que há uma inversão por parte das famílias, deixam tudo para a escola, parece que algumas não entende o que a educação vem da família e a escola, sistematiza o conhecimento.

**6 Conclusão**

Sabemos que é da família que a criança encontra os seus primeiros lugares de apoio, pois é através dessa relação de confiança que elas obtêm seus primeiros ensinamentos, logo, temos que considerar e respeitar o conhecimento prévio de cada um ao chegar à sala de aula.

Posto isto, é preciso que a base familiar tenha ciência do valor e da importância em está presente na vida acadêmica de seus filhos, juntamente com toda equipe escolar, em uma caminhada colaborativa, na busca de estratégias para uma aprendizagem conjunta.

Todavia, essa realidade ainda não se concretiza por completo, uma vez que, os responsáveis ainda não compreendem a educação como uma tarefa de todos.

Nesse ponto de vista, é comum encontrarmos situações nas quais a família se isenta do ambiente escolar e transfere para os professores, as expectativas e autoridade inerentes aos progenitores. Como consequência, sobrecarrega os professores, deixando-os sem tempo para exercer suas atividades no sentido mais completo dentro da sala de aula, em virtude desse abandono, acabam necessitando ensinar modos e valores básicos, que os alunos já deveriam aprender no seu ambiente familiar.

Essa problemática já se arrasta por muitas décadas, fruto de uma sociedade acomodada que não compreende a escola como um espaço de interação entre alunos, professores, pais e comunidade em uma relação de companheirismo, compromisso com a aprendizagem dos educandos, mas de certa forma como um depósito, no qual deixam seus filhos para fazer trabalhos diversos.

Portanto, para que haja essa aprendizagem colaborativa precisamos entender que a escola transforma o social, forma cidadãos críticos e conscientes dos seus direitos e deveres, a escola prepara para o mercado de trabalho, mas a família juntamente com a escola forma para vida com suas diversas fases e responsabilidades, individuais e coletivas diante da sociedade.

**REFERÊNCIAS**

AQUINO,JulioGaropa. **A indisciplina e a Escola Atual**. Rev.Fac Educ. Vol24n.2.SãoPaulo.Jul/Dec1998.<<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-0188199900010000401>> analisado em: 05 08, 2018.

BRASIL,Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de nove anos,**editora, Ática 2013,pág. 101.

**\_\_\_\_\_\_\_,** Ministério da Educação**, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº. 9.394, de 2 de dezembro de 1996,** Brasília. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dez 1996. Seção I,p.27.8333-27.841.

CORTELLA, Mario Sergio; **Educação x Escolarização**, yotube analisado disponivel em 28 de jan 2017, link <https://www.youtube.com/watch?v=yzE9pf8W3AI> analisado em 01/08/2014.

FONSECA, Sônia Maria; **A Hegemonia Jesuítica**, 1945-1959.<[https://docplayer.com.br/10607317-A-hegemonia-jesuitica-1549-1759...>.analisado](https://docplayer.com.br/10607317-A-hegemonia-jesuitica-1549-1759...%3e.analisado) em 06/08/2018.

SCHUELER, F. Martinez, Revista Brasileira de História; **Crianças e Escolas na Passagem do Império para a República;** vol.19 n 37, São Paulo, sept. 1999.

VYGOTSK, Lev Semionovich, Teoria do Desenvolvimento Mental e Problemas da Educação: Mec/ fundação Joaquim Nabuco, 2010, editora Massogana.